

Funaro não acredita que atitude do banco vá modificar as negociações

A decisão do Citibank de aumentar suas reservas em US\$ 3 bilhões, no segundo semestre deste ano, faz parte de uma exigência técnica da legislação americana e não trará modificações radicais nas negociações do Brasil com os credores. A avaliação foi feita pelo ex-Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, acrescentando que não vê, nesta iniciativa, um endurecimento dos bancos internacionais e muito menos sinais de alteração nas relações entre os Estados Unidos e os países endividados.



Dilson Funaro

— Eles me disseram, no início do ano, terem entendido a suspensão do pagamento dos juros brasileiros em 1982, porque o País precisava manter reservas equivalentes a, no mínimo, três meses de importação”.

Na longa entrevista que concedeu após sua palestra no 2º Congresso Nacional de Executivos Financeiros, ontem, no Copacabana Palace, o ex-Ministro evitou se estender sobre a iniciativa do Citibank e procurou dar ao fato uma interpretação mais técnica do que política, rejeitando a hipótese de que isso possa causar repercussões imediatas no sistema financeiro internacional. Funaro frisou que o Brasil “é muito respeitado no exterior porque, além de ser a oitava maior economia do mundo, ele já remeteu aos banqueiros US\$ 45 bilhões nos últimos cinco anos”.

Apesar da iniciativa do Citibank, Funaro reiterou a declaração do Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, de que a moratória pode ser estendida às entidades oficiais, caso as linhas de crédito para importação não sejam reabertas, conforme acordo firmado na última reunião do Brasil com o Clube de Paris, no início do ano. “Esta hipótese já havia sido levantada por mim, em janeiro”.